

O tartaruga com asas

Ao meio-dia o avião chega. Eu ainda não o havia visto, não sabia como ele era, só sabia que não era um Búfalo. E é uma surpresa, um verdadeiro sonho vê-lo: ele não é um avião comum... é um hidroavião, um Catalina. É o Catalina nº 52 da FAB. Na cauda, o emblema do 1º Esquadrão de Transportes Aéreos (ETA): uma tartaruga com asas, voando. E o lema: “Devagar, mas chego lá”. Um avião que é uma história; ele próprio já é um acontecimento.

(...)

Entramos e ele mete o bico no insondável. Como um menino que, pela primeira vez, entra numa cabine de avião, não perco nada: olho os pilotos, o rádio, os instrumentos, procuro saber a altitude (vamos, no máximo, a 1.200 metros) e a velocidade (220 km/h, fazendo jus ao emblema da sua cauda). Uma sensação de pasmo e satisfação me preenche: deixamos o Amazonas para trás pela sua margem direita e avançamos sobre a floresta. Árvores e rios, que eu conhecera em muitas viagens em sonho, compõem agora quadros que ora se encaixam nas imagens que um dia fizera e ora as espatifam – estreitas imagens para essa deslumbrante e fantástica realidade.

Entramos e saímos de nuvens, molhamos e nos secamos, molhamos novamente – como chovel!... E aqui, dentro do Catalina, também. Temos que nos apertar e encolher, mudar de lugar para buscar proteção das goteiras que existem por todo canto.

– É, companheiro, esse bicho aqui veio da guerra, lutou na 2ª Grande Guerra, trouxe marcas... – com um sorriso, um dos mecânicos justifica a chuva aqui dentro, enquanto passa, se equilibrando, a caminho de dizer alguma coisa ao comandante. Parece que atravessamos uma tempestade. Vejo Tawé e Tuxá assustados; fico perto deles, tentando passar-lhes alguma segurança. Uma segurança, no entanto, que, às vezes, custo a encontrar em mim mesmo – mas cumpro um pedido das Irmãs, uma vez que nenhuma delas veio: acompanhá-los, fazer-lhes companhia, pois eles não têm qualquer costume com avião. O Catalina sacoleja, balança, eu procuro alguma coisa onde segurar e me firmar e encontro, por cima da minha cabeça, alguns cabos. Lanço minhas mãos neles. Quando me dou conta, estou sendo puxado para o lado, sendo conduzido, tirado do

meu lugar: são os cabos me levando e, se não os solto, caio sobre os índios – eu havia sido arrastado quase pra cima deles. Livre, procuro entender onde me segurara e vejo, então, que me apoiara nos cabos de aço dos comandos do avião, que transitam soltos, a descoberto. Quando o piloto faz alguma operação, virar para a esquerda ou para a direita, subir ou descer, esses cabos são os responsáveis pela sua execução. Fico a ver seus movimentos, indo e vindo. Olho para Tawé e ele está rindo da minha trapalhada.

As sacudidelas cessam. Atravessamos a estrada esburacada pela chuva forte – quem diria que as nuvens e o céu também fossem assim, acidentados? Lá embaixo, vez ou outra, as veias da Amazônia se mostram: rios largos e bonitos, majestosamente guardados e protegidos pela mata – e, numa bela e saudável espécie de simbiose, trocando alimento e vida um com o outro.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*
Autor: Walter Andrade Parreira
(Cap.2 – ‘O tartaruga com asas’ – pág. 47/48)